

## DUBLING: CAMINHANDO POR ENTRE UMA DUPLA LÍNGUA EM CADERNO PAUTADO

Elida Tessler<sup>1</sup>

### Resumo

Esta comunicação visa apresentar uma etapa do processo de criação do trabalho DUBLING, concebido a partir da leitura do romance *Ulisses* de James Joyce, O trabalho reúne 4311 verbos no gerúndio, impressos em diferentes materiais. A reflexão que apresento concentra-se nos cadernos onde os verbos estão listados, e estes permanecem como documento de processo. A contração de duas línguas - o português e o inglês – encontra ressonância no movimento criado entre o ler e ver em uma produção artística.

### Résumé

Cette communication vise à présenter une étape du processus de création du travail DUBLING conçu à partir de la lecture du roman *Ulysse* de James Joyce. Cette oeuvre comprend les 4311 verbes au gérondif, imprimés sur différents matériaux. La réflexion se concentre sur la création des carnets de notes où les verbes sont répertoriés et restent en tant que documents du processus. La contraction des deux langues – anglais et portugais – trouve résonance dans le mouvement créé entre l'action de lire et de voir dans une production artistique.

*BLOOM: (Bitterly) Man and woman, Love what is it? A cork and bottle.*

James Joyce. *Ulysses* – Penguin Books – London, 1992 p.619

Este texto pretende apresentar uma espécie de encaixe entre uma produção artística e a reflexão crítica por ela gerada, a partir de um elemento essencial de seu processo de criação: um caderno pautado. DUBLING é,

---

<sup>1</sup> Artista Plástica - Professora adjunta no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Pesquisadora do CNPq.

obviamente, um gerúndio, sendo o título de uma instalação que reúne garrafas, rolhas com palavras impressas e cartões postais.<sup>2</sup>

Já DUBLÍNGUA é uma contração das palavras *Dublin* e *Língua*. O nome de uma cidade toca a língua que ali é falada. Da lambida, cria-se um idioma para a fábula: uma linguagem capaz de seguir o fluxo de pensamento de um escritor como James Joyce, quando este decide escrever um romance assumindo o desenho de uma cidade. Dublin, capital da Irlanda, é o berço e a razão de exílio do autor. *Ulisses* é um livro e é uma jornada. É uma caminhada que convida o caminhante. Uma odisséia propriamente dita, perpassando a vida de um homem, Leopold Bloom, como uma dobradura interminável. A descrição minuciosa das coisas, o retrato de uma época precisa, a fotografia escrita das pessoas que se tornam personagens de cada uma das cenas evocadas pelos dezoito capítulos do livro, tudo isso configura um esquema gráfico semelhante ao mapa de uma cidade. Palavras são escritas. Palavras são superpostas. E no caso de DUBLING, trabalho que virei a comentar logo em seguida, elas são também justapostas, acreditando em um encaixe perfeito do verbo com a ação por ele reivindicada. Como o de uma rolha em uma garrafa. O que faz uma palavra ao lado de outra? Cria-se um novo texto, onde o tempo presente seja, de fato, a conjunção do passado e do futuro como única possibilidade de conceber o movimento que nos constitui, seres sonhadores que somos.

---

<sup>2</sup> DUBLING é uma instalação que tem como eixo central a aproximação entre as artes visuais e a literatura, inserindo-se na pesquisa que venho realizando junto ao PPGAV-UFRGS, com apoio do CNPq, sob o título "*Parte escrita: textos de artistas e a presença da palavra em produções de arte contemporânea*". A partir desta data, passa a fazer parte da Coleção CIFO – Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami.



Figura 1

DUBLÍNGUA não é somente uma língua que se dobra, que se desdobra e que escorra para o meio-fio da linguagem, tal água da chuva procurando os bueiros urbanos para garantir o fluxo das vias e dos passeios. DUBLÍNGUA é um termo criado - e não traduzido - por Donaldo Schüler, quando ele se depara com “Dyoublong” no original de Joyce.<sup>3</sup> Há uma espécie de sonho, ou pelo menos, uma cidade que emerge de um estado onírico, que quer deixar de ser cenário para tornar-se personagem atuante.

DUBLING assume o presente acontecendo, tão bem evocado por Donaldo Schüler<sup>4</sup>:

O sonho anula distâncias. Há um presente absoluto, o presente acontecendo, conjunção do passado e do futuro [...] A cidade mágica e estranha, passou pela transformação da arte. A cidade é monumento, quadro. [...] A arte costuma tornar estranho o familiar jogo de simulacros.

---

<sup>3</sup> “So, This is Dyoublong?” Cf.: JOYCE, James. *Finnegans Wake – Finnicus Revém*. Livro 1. Tradução de: Donaldo Schüler. São Paulo: Atelier Editorial, 1999, p. 51. O termo DUBLÍNGUA está comentado por Donaldo na página 116 deste mesmo volume: “Então, esta é a Dublíngua? (So This is Dyoublong?) Pergunta admirativa de quem visita uma cidade. O espanto cai sobre a cidade textualizada e sobre a linguagem, ambas estranhas. Não vem do narrador. O texto se destacou dele. Não vem de alguma das personagens. Elas se dissolvem. Enunciador não há. Vem de todos. Vem do narrador diante do texto em que Dublin se textualizou. *Dyoublong, dyo, doubling, oblong, langue*. Dublin duplicada, geograficamente oblonga. O que era familiar torna-se estranho.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.116.

Transformar um nome próprio em verbo no gerúndio é a intenção do trabalho DUBLING, que reúne, também em movimento de contração, a língua inglesa e a língua portuguesa. Acrescentar uma letra a um lugar foi o gesto inaugural de uma dupla língua - DUBLÍNGUA - resultante da minha imersão no texto de Joyce. Da mesma forma como ingressei na cidade de Dublin pela primeira vez em julho de 2008, entrei nas páginas do livro. Fui percebendo a descrição dos lugares, das pessoas, dos trajetos. Uma jornada na cidade conduziu-me para um ano de leitura de *Ulisses*. Nos dezoito episódios do livro, nos é revelado um estado real das coisas muito diferente do que poderíamos imaginar. Palavras e superposições de palavras nos colocam na mesma posição que Marcel Duchamp nos indicou, também no início do século XX, quando disse “São aqueles que olham que fazem o quadro”. Pois Joyce colocou o leitor no lugar do autor, explorando a nossa capacidade de seguir as suas associações de idéias, aparentemente alucinantes, para criar em nós um espírito de criação único.

Desde 1999 aproprio-me de palavras oriundas da literatura: escolho um livro, defino diferentes métodos para a captura das palavras e estabeleço listas, que são sempre o ponto de partida para a construção de minhas instalações. Identifico-me com o que propõe Umberto Eco, em seu recente livro *Vertigem da lista*: “O medo de não poder dizer tudo se manifesta diante de uma infinidade de nomes, mas também diante de uma infinidade de coisas. A história da literatura fervilha com coleções obsessivas de objetos.”<sup>5</sup> Deste modo, me coloco diante de um infinito de possibilidades que a palavra pode oferecer, criando as minhas próprias coleções. Sistemáticamente incorporo objetos onde a palavra encontra uma superfície de pouso. Mais recentemente, tenho apresentado o próprio livro como elemento ativo no trabalho. Interesse-me pela relação entre a palavra e a imagem, entre a arte e a literatura, entre o ordinário e o extraordinário, este que nos constitui a cada momento.

Para criar DUBLING dediquei-me à leitura do romance *Ulisses* de James Joyce, em seu idioma original, o inglês, já tendo passado pela tradução em português. Defini que sublinharia todos os verbos no gerúndio, isto é, aqueles identificados pelo sufixo ING. Percebi que havia, na criação de Joyce, uma

---

<sup>5</sup> ECO, Umberto. *Vertige de la liste*. Paris: Flammarion, 2009, p. 67

idéia de fluxo constante, materializado pela presença do Rio Liffey, que corta a cidade de Dublin, em uma linda metáfora acerca dos fluxos de linguagem e da própria vida em sua finitude. Não podemos esquecer que traz à cena um único dia da vida de um homem. Algumas horas transformadas em centenas de páginas. O livro foi escrito entre 1914 e 1921, enquanto Joyce se deslocava por entre as cidades de Trieste, (Itália), Zurique (Suíça) e Paris (França). Assumi o caráter de deslocamento, e li a obra somente em cafés, enquanto estive entre as cidades de Paris (França), Madri (Espanha) e Porto (Portugal). Após leitura e releituras, obtive uma lista com 4311 verbos no gerúndio, e elegi os elementos da instalação: garrafas, rolhas e cartões-postais em mesmo número. As palavras foram impressas nas rolhas, e estas foram introduzidas no bocal das garrafas, naquilo que agora venho apontar como um encaixe perfeito. Os verbos também foram impressos nos cartões-postais, como uma espécie de legenda. Ao invés de indicar um local, anota uma ação, um algo acontecendo, ampliando aquele pequeno território de papel e a paisagem ali circunscrita.



Figura 2

A escolha do tempo verbal do gerúndio não foi simplesmente um acaso. Quando estive em Dublin, inscrevi-me em uma das caminhadas propostas pelo *James Joyce Center*, onde um guia nos conduz a pontos importantes da cidade para a concepção do romance, nos fazendo parar em alguns deles para realizar uma leitura em voz alta, evidenciando as relações do texto com o

desenho urbano e com a história daquele país. Era um dia sombrio e frio, apesar de ser pleno verão. Caminhávamos sob uma chuva fina, e confesso que o passeio não foi tão agradável como eu esperava. Mas a situação foi propícia para que, internamente, eu ouvisse uma cadência de verbos: caminhando, lendo, escutando, parando, chovendo, olhando, pensando, associando... pois bem, ali estava nascendo uma idéia.

Justamente por surgir durante um percurso, uma caminhada na cidade, minha proposição incluiu a premissa de somente ler o livro em cafés, intensificando o caráter urbano e coloquial do romance. Entre os detalhes da regra, encontra-se o seguinte:

- 1) Ler o livro na seqüência das páginas, mesmo consciente de que a estrutura literária assumida por Joyce permite uma leitura não linear do romance
- 2) Jamais repetir a mesma cafeteria
- 3) Anotar as páginas lidas durante o período de permanência no café
- 4) Listar, em um caderno pautado, os verbos no gerúndio encontrados durante a leitura
- 5) Guardar as notas de consumo de cada um dos lugares por mim escolhidos, pois nela ficariam registrados o nome do estabelecimento, o endereço, o horário e o que pedi para acompanhar a leitura.



Figura 3

Tais deslocamentos me ajudaram a configurar um desenho, e as notas fiscais do cafés podem ser considerados os pontos para traçar o mapa da leitura.

Foi o filósofo Jacques Derrida, em seu ensaio *Ulysse Gramophone*<sup>6</sup> que me fez enxergar pela primeira vez a forte relação entre um cartão-postal e uma garrafa arrolhada com uma mensagem em seu interior atirada ao mar. Neste gesto de envio, há uma promessa de encontro, mas sem garantia de chegada na geografia dos trajetos, que podem ser associados aos trajetos de Ulisses de Homero, de Leopold Bloom de Joyce ou de qualquer um de nós à procura de um lugar imaginário, sem nome. Jacques Derrida considera o romance *Ulisses* um imenso cartão-postal, já que não há um destinatário preciso. Nem sempre sabemos quem é ou quem será o nosso leitor/espectador, mas é a ele que nos dirigimos quando criamos uma obra. Cartões-postais remetem a uma circularidade, ao mesmo tempo que sugerem coleções.

<sup>6</sup> DERRIDA, Jacques. *Ulysse gramophone – Deux mots pour Joyce*. Paris: Ed. Galilée, 1987.

Da leitura do romance *Ulisses* de James Joyce, foram identificados 3849 verbos no gerúndio na tradução para o português de Bernardina da Silveira Pinheiro, e 4311 verbos no gerúndio na língua original do autor, o inglês.<sup>7</sup> Este trabalho reúne 4311 garrafas transparentes, 4311 rolhas com palavras impressas, 4311 cartões-postais apresentando imagens do Rio Liffey e inseridos em um fichário cujo formato de apresentação evoca por si mesmo o fluxo do rio que corta a cidade de Dublin, tão essencial à estrutura do romance de Joyce. O título DUBLING já demonstra que a língua inglesa foi por mim assumida, reatualizando a expressão “Dublândia”.

No caso de DUBLING, a palavra aparece impressa em rolhas e em cartões-postais. Estes são os elementos visíveis da instalação. Porém, antes de serem transpostas aos materiais concretos, elas foram manuscritas por mim em páginas de caderno pautado, sob forma de listagem. Foi preciso isolá-las do texto original para fornecer-lhes outro contexto visual. O tempo verbal do gerúndio indica uma ação em movimento, um processo ainda não finalizado, apontando assim às infinitas possibilidades de uma operação artística. A listagem das palavras foi precedida pela colagem de todas as notas fiscais de cafés, onde o romance foi lido por mim, sem nunca repetir o mesmo local, fazendo com que eu também criasse um fluxo próprio de deslocamento em uma cidade. O caderno foi uma das etapas estabelecidas para a realização do trabalho, mas este não faz parte da instalação. Permanece como documento de processo, onde a contração de duas línguas - o português e o inglês - encontra ressonância no movimento criado entre o ler e ver. A pauta do caderno tornou-se o campo de pouso e pausa para a palavra escrita.

---

<sup>7</sup> DUBLING é uma instalação que tem como eixo central a aproximação entre as artes visuais e a literatura, inserindo-se na pesquisa que venho realizando junto ao PPGAV-UFRGS, com apoio do CNPq, sob o título “*Parte escrita: textos de artistas e a presença da palavra em produções de arte contemporânea*”.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Ulysse gramophone – Deux mots pour Joyce*. Paris: Ed. Galilée, 1987.

ECO, Umberto. *Vertige de la liste*. Paris : Flammarion, 2009.

JOYCE, James. *Finnegans Wake – Finnicius Revém*. Livro 1. Tradução Donaldo Schüler. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.